

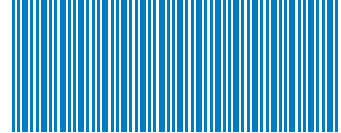


Veras entrevista Catarina Carneiro Gonçalves

“O *bullying* é uma violência entre pares”

Por Ricardo Prado e Catarina Decome Poker, editores da revista *Veras*.

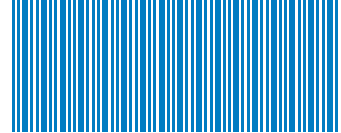
A pedagoga Catarina Carneiro Gonçalves, professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), vem estudando o *bullying* desde a década passada, tendo como foco de seu mestrado e doutorado a percepção desse problema entre os docentes. Em entrevista concedida em maio de 2026 à revista *Veras*, ela destaca que a principal característica do *bullying* é ser uma violência sistemática feita entre pares – o que diferencia de uma situação de assédio, que acontece quando há hierarquia



envolvida. Outra característica é que envolve, necessariamente, três atores: a vítima, geralmente alguém fragilizado por ter poucos ou nenhum amigo; o autor, que detém um alto poder simbólico entre os pares; e a plateia, que pode ser passiva ou ativa. Sem atuar com os três elementos envolvidos nessa dinâmica, qualquer ação tende a ser ineficaz, destaca a pesquisadora.

Nesta entrevista, feita na véspera de uma viagem de pesquisa ao Acre, para apurar mais um caso de violência extrema em escola ocorrido em 2026, a educadora discorda de quem veja uma “epidemia de *bullying*” nas escolas. Mas alerta que os casos de ataques a essas instituições, estes sim, dispararam desde 2023 em relação à série histórica. Como coordenadora do Nepeve (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Violência Escolar) da UFPE, Catarina Gonçalves está à frente de uma pesquisa, patrocinada pelo Ministério da Justiça, para entender como os diferentes atores sociais agiram diante dos ataques às escolas, algo inexistente no Brasil até 2001, quando foi registrado o primeiro caso. Até 2023 haviam sido registrados 15 ocorrências. Então, naquele ano, ocorreram 16. “De 2023 para cá é que esse fenômeno está em ascensão. Neste ano já foram cinco episódios”, alerta a pesquisadora.

Sendo uma violência que acontece de forma oculta aos olhos de professores e gestores, diferentemente das incivilidades e dos problemas de comportamento entre os estudantes, o *bullying* é de difícil manejo por parte dos professores. “Não temos ainda uma formação que instrumentalize os nossos professores para lidarem de forma eficaz com um problema tão complexo como esse, tanto na formação inicial como na formação continuada”, observa a pedagoga. Mas, independentemente de ser um tema difícil, precisa ser enfrentado. Nesta entrevista, Catarina Gonçalves aponta alguns caminhos, tanto para docentes e gestores quanto para pais e mães. E destaca: “É preciso desenvolver nos nossos adolescentes e nas nossas crianças, primeiro, a capacidade de perceber o outro, de se implicar com o outro e de se responsabilizar pelo bem-estar coletivo”. Para isso, salienta, a parceria da escola com as famílias é fundamental.

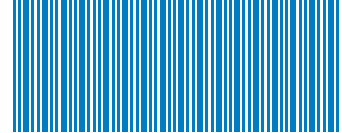


Veras: *O que é bullying e como que diferenciá-lo dos problemas de convívio normais, que crianças e adolescentes têm quando estão juntos?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Acho que essa é uma pergunta ótima porque é um problema quando a gente não reconhece que o *bullying* é uma violência, mas também é um problema quando a gente acha que todo problema de convivência virou *bullying*, principalmente depois de 2024, quando o *bullying* foi criminalizado. Ele foi, inclusive, tipificado no Código Penal [Lei 14.811/2024]. Então, se todo problema de convivência na escola for criminalizado, a gente não vai mais poder ter escola, porque a escola é um lugar propício para os conflitos. Assim, a primeira coisa a ser dita é que, quando a gente fala dos problemas de convivência nas escolas, existem transtornos de convivência que não são, necessariamente, violência. E a gente tem, também, as violências. As violências sempre se caracterizam por serem formas de opressão. A violência é sempre uma dominação, a força de uns sobre outros. E os transtornos de convivência são aqueles conflitos que alteram a convivência, deixam a convivência desarmônica, por vezes desagradável, mas não necessariamente se trata de uma violência. Então, dentre os transtornos de convivência, temos as incivildades, que são todas aquelas práticas que alteram a boa convivência. São os tratamentos mais hostis, muito presentes entre os adolescentes, é o uso de palavras inadequadas, por vezes desrespeitosas, para se referir à outra pessoa. Resumindo, as incivildades são aqueles problemas que alteram a boa convivência. A gente tem a indisciplina, que são todos aqueles comportamentos que rompem com o contrato social da aprendizagem. E a gente tem as transgressões, que são todos aqueles comportamentos de descumprimento de regras conhecidas e legitimadas. Até aqui não estamos falando de violência. A gente está falando de comportamentos que alteram a convivência, mas não necessariamente são violência. Entre as violências, a gente vai ter outro grupo de comportamentos enorme, que tem ali, no centro, digamos, as violências estruturais.

Veras: *Aí nós já estamos falando do bullying?*

Catarina Carneiro Gonçalves: O *bullying* não entra ainda como uma violência estrutural especificamente, mas ele entra no grupo dos comportamentos violentos. Nesse grupo dos comportamentos violentos estão as violências estruturais, que são o racismo, a misoginia, o machismo, a LGBTQIA+fobia, todos esses comportamentos que estão ali na estrutura [da sociedade]. Aí existem as violências institucionais, que são aquelas praticadas pela própria escola, porque às vezes



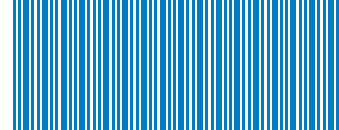
a escola também pode ter um comportamento violento quando os professores não avaliam adequadamente, ou quando há uma relação de opressão ou negligência. Existem as ciberviolências, que englobam o escopo das práticas violentas praticadas através das redes sociais ou do uso das tecnologias. E aí entra, nas ciberviolências, o *bullying*. O *ciberbullying* não é a única forma de violência digital, mas é uma delas. Existem ainda as violências duras, que são aquelas que colocam a vida em risco diretamente, como as agressões, o estímulo ao suicídio e todas as violências que podem ser caracterizadas como crime, como, por exemplo, o roubo; tudo o que pode ser tipificado no Código Penal é considerado violência dura. E a gente tem o *bullying*. Ele é uma violência que é específica, não é qualquer tipo de violência. Então a primeira característica que eu diria do *bullying*, em resumo, é que ele é um tipo de assédio, mas não qualquer assédio. Ele é um assédio que acontece numa relação horizontal.

Veras: *O que diferencia o bullying é o fato de que ele é feito entre os pares?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Sim, porque, quando há uma hierarquia nesse assédio, se trata de um assédio moral, e isso tem diferenças do ponto de vista psíquico. O sujeito pode ficar refém daquele assédio por uma infinidade de questões. Por exemplo, eu posso ser vítima de assédio no meu trabalho e, por precisar do meu emprego, me submeter ao meu chefe e, por isso, não conseguir reagir. É por uma questão econômica. No *bullying*, não. O *bullying* é uma violência paritária, é horizontal. Professor não pratica *bullying* contra estudante, nem estudante contra professor. Quando há esse desequilíbrio de poder instituído, isso é assédio. O *bullying* é uma forma de violência entre pares. E o que é que isso caracteriza? Caracteriza que mesmo numa relação de horizontalidade a gente tem um desequilíbrio de poder, mas que não é um poder institucional, é um poder simbólico. Além de ser um assédio horizontal, ele também é sistemático; não é um episódio que acontece eventualmente, como pode ocorrer em outras formas de assédio. E, por fim, os episódios de *bullying* não têm uma motivação evidente. Eles não decorrem de um conflito entre as pessoas, mas da percepção, pelo autor, da fragilidade do alvo.

Veras: *Mas como identificar uma situação de bullying?*

Catarina Carneiro Gonçalves: O *bullying* não decorre exatamente de um desentendimento que eu e você tivemos e que, depois disso, gerou um mal-estar entre nós e daí ficamos nos desrespeitando. Os alvos de *bullying* são escolhidos intencionalmente, em decorrência



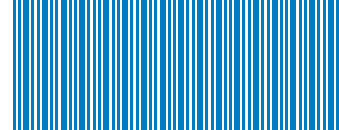
da pouca capacidade de se desvencilhar dos maus-tratos, do fato de serem meninos ou meninas pouco enturmados socialmente. Então esse é um dos indicadores de vulnerabilidade. No caso de *bullying*, se torna mais alvo da violência quem tem poucos ou nenhum amigo. O isolamento social é um fator importante que deve ser observado pelas escolas para identificar os alvos de *bullying*.

Veras: *Ou seja, o bullying sempre cai sobre o mais fraco...*

Catarina Carneiro Gonçalves: O *bullying* atinge o mais fraco socialmente. Nem sempre é o mais fraco do ponto de vista do corpo, nem sempre é o menino que não é inteligente. Ele é mais fraco socialmente. A grande desvantagem que os alvos de *bullying* têm é do ponto de vista social e afetivo. As pesquisas mostram, por exemplo, que os alvos de *bullying* costumam ter pouco acesso às suas próprias emoções, têm mais dificuldade de se indignar, de se desvencilhar daqueles maus-tratos. Então, no *bullying*, tem sempre esse alvo escolhido intencionalmente, e essa escolha decorre, quase sempre, do desprestígio social que esse alvo experimenta. Ele também tem um autor, ou um grupo de autores, que escolhe intencionalmente esse alvo que será submetido à sua própria dominação. E esses maus-tratos sistemáticos acontecem sempre na frente de uma plateia. Então, o *bullying* tem três personagens principais: o alvo, que é intencionalmente escolhido; o autor, que, diferentemente do alvo, goza de mais prestígio social e que quase nunca está sozinho. De modo geral, os autores são formados por uma dupla ou um grupo de pessoas que, intencional e deliberadamente, fazem uso da violência para dominar. E o terceiro elemento do *bullying* é a plateia. Esse grupo pode ser composto por uma plateia que assume postura mais indireta e que não intervém por temer se tornar a próxima vítima e acha que é melhor ficar fora do jogo. Mas, também, tem uma plateia que é diretamente responsável pelas práticas de *bullying*. Essa plateia ri e valoriza as violências, criando a ambiência favorável para que os maus-tratos aconteçam.

Veras: *Até que alguém rompa esse pacto ou algum educador perceba o que está acontecendo, é um sofrimento que pode se prolongar por muito tempo, não?*

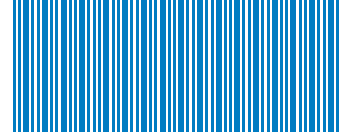
Catarina Carneiro Gonçalves: Sim, e isso está atrelado a uma outra característica do *bullying*, que é o fato de ele ser velado aos olhos da autoridade. De modo geral, os adultos da escola não identificam facilmente as expressões de *bullying*. Primeiro, porque os autores fazem de uma maneira que não seja na presença do adulto. Segundo, por-



que o alvo dificilmente busca ajuda. O alvo espera que ninguém fale sobre aquilo que está acontecendo, como se não falar apagasse um pouco o sofrimento que ele vive. Então, os autores terminam ficando muito poderosos naquela relação, que é velada perante os olhos da autoridade, mas escancarada aos olhos da plateia. Porque os autores de *bullying* querem gozar exatamente desse prestígio perante os seus pares. E é isso que delimita o *bullying* e o diferencia de outros comportamentos violentos.

Veras: *Há uma percepção da sociedade em geral e, talvez, um pouco mais dos educadores, de que o bullying tem crescido na última década. Isso seria decorrência de que o problema se tornou mais visível ou ele está crescendo mesmo nas escolas?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Vamos pensar em duas coisas. Primeiro, se de fato o fenômeno está crescendo ou se hoje a gente tem mais capacidade de perceber, porque a gente só é capaz de ver aquilo que somos capazes de nomear, não é? Vigotsky falava um pouco sobre isso, na sua obra *Pensamento e Linguagem*, sobre como a linguagem precisa se estruturar para dar conta da percepção de determinados signos. Então, a primeira coisa que a gente tem que entender é que, no Brasil, os estudos sobre *bullying* são muito recentes. Esse conceito foi criado por um pesquisador norueguês chamado Dan Olweus, na Noruega, no final dos anos 1970. Então, o *bullying* não é um fenômeno tão antigo do ponto de vista dos estudos acadêmicos. No Brasil, um dos primeiros estudos que a gente tem conhecimento foi produzido pela Marta Canfield no início dos anos 2000. Eu fiz, por exemplo, mestrado em 2011, fiz doutorado em 2017, estudando essa temática. Então, o *bullying* não é um fenômeno estudado há muitos anos no Brasil, embora, sobretudo na última década, as pesquisas sobre violência no Brasil tenham se debruçado muito sobre o tema. Acho que essa é a primeira coisa. Então, parece que nós temos uma prática mais recorrente, mais sistemática, mas, quando a gente pega os dados de pesquisa, tem um certo crescimento, sim, mas, por exemplo, entre 2019 e 2024, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) não mostra um grande crescimento. A PeNSE é um dos instrumentos que investigam em larga escala as experiências de *bullying*. No estudo de 2019, temos aproximadamente 23% dos adolescentes dizendo que já sofreram zombaria, humilhação etc, o que não necessariamente significa que eles sofreram *bullying*. Mas está ali, no que caracteriza o escopo do fenômeno, digamos assim. Quando a gente chega em 2024, esses dados estão em torno de 27%. Então, de fato, é um percentual significativo, mas não significa que exista uma epidemia de *bullying*. Na



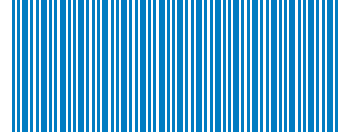
verdade, ele se mantém mais ou menos constante. O que existe, sim, é um número significativo de estudantes que são alvos de *bullying*, ou de algum tipo de importunação. Se a gente pensar que mais de 20% do nosso alunado já passou por isso, é um dado, para mim, bem importante. O problema agora é que qualquer conflito entre pares virou *bullying*. Eu penso que hoje a gente vive um fenômeno muito preocupante, que é o seguinte: os adultos que educam essas crianças e jovens têm muito pouca tolerância a que seus filhos vivam qualquer experiência estressora. Só que as incivildades, os problemas de convivência, estão presentes nas relações humanas, e vão estar presentes na escola. Então, como é difícil, sobretudo para os adultos, eles terminam nomeando como *bullying*, porque aí eu levo o problema de convivência para o lugar da violência. Então, tem que combater, tem que ir no Ministério Público denunciar, tem que prender, ir na delegacia... E aí a gente deixa de assistir essas crianças e esses adolescentes naquilo que é precioso, que é se comover com o outro, se mobilizar nessa relação, se importar com esse outro. Eu desconheço se no Brasil tem uma pesquisa que apresente um dado evolutivo de crescimento. Eu acho que hoje há uma maior divulgação, uma ampliação da discussão sobre os casos. Tem também o fato de ele ter sido criminalizado em 2024 e que coloca o *bullying* num outro lugar discursivo, mas eu desconheço uma pesquisa que, do ponto de vista evolutivo, diga que entre nós o *bullying* esteja crescendo vertiginosamente.

Veras: *As redes sociais atuariam nesse aumento de percepção do bullying?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Algumas características dos tempos atuais explicam isso, não é? Um individualismo muito exacerbado, um embotamento da empatia. As redes sociais fazem um pouco isso. Elas inibem no sujeito a percepção das emoções, fragilizam essa nossa capacidade. Então, menos empatia, mais favorável sermos autores de *bullying*. Eu acho que já há muitas décadas o *bullying* é um problema intenso nas escolas, e ele permanece nesse lugar.

Veras: *Eu queria abordar a questão da formação dos professores em relação ao enfrentamento desse problema, até porque foi o tema do seu doutorado. O que a sua pesquisa revelou em relação à postura do professor quando presencia uma situação de bullying na sua turma?*

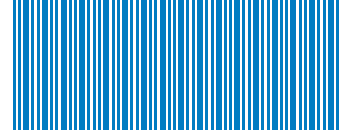
Catarina Carneiro Gonçalves: O *bullying* é uma violência de difícil manejo por parte dos professores. Não temos ainda uma formação que instrumentalize os nossos professores para lidarem de forma eficaz com um problema tão complexo como esse, tanto na formação inicial



como na formação continuada. Na minha tese explico um pouco sobre isso. A gente não tem nos cursos de formação de professores um olhar para a convivência na escola, para as manifestações de violência. Então, há uma negligência na formação de professores no Brasil em relação ao manejo dos problemas de convivência na escola, incluindo o *bullying*. Eu sou formadora de professores, trabalho no curso de licenciatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e aqui nós não temos nenhuma disciplina que ajude os professores a compreenderem os problemas de convivência. Fica a cargo de algum professor que tem interesse pelo tema, mas isso é muito precário. E na formação continuada também, porque as escolas terminam por tratar do problema de uma maneira muito setorial e muito informativa, quando na verdade o problema é complexo, é multifatorial e é intersetorial. As ações de formação continuada costumam ser muito informativas, mas pouco formativas. Seria preciso ter um olhar mais amplo, e nós não temos. É preciso sair desse lugar descritivo e analítico para um lugar propositivo, de manejo. Então eu penso que a gente precisa adentrar no campo de uma formação docente que ajude o professor a lidar com o *bullying* em três grandes dimensões. A primeira é preventiva: como é que a gente previne o *bullying*? Se o *bullying* é uma exclusão, uma diminuição do outro, uma destituição da identidade, da dignidade, eu preciso enfrentá-lo de forma preventiva criando uma ambiência em que as minhas crianças e os meus adolescentes vão aprender e vão poder experimentar relações de horizontalidade que se fundem no respeito mútuo. Então, os professores precisam investir na aprendizagem das crianças do ponto de vista relacional. E hoje isso ainda não é uma prática. As escolas, poucas delas, têm currículo de convivência. E os professores, poucos deles, se debruçam de forma sistemática num trabalho com a convivência em que crianças e adolescentes possam aprender, como aprendem matemática, história, geografia, a viver com os outros em instituições justas. Então, a primeira dimensão seria preventiva.

Veras: Certo. E qual seria a segunda dimensão na formação docente para um bom enfrentamento do bullying?

Catarina Carneiro Gonçalves: A segunda dimensão seria a da mediação. Então, quando se toma conhecimento que as situações de *bullying* acontecem, como é que eu lido? Sabendo que o *bullying* é uma violência que atinge duramente a dignidade do alvo, eu jamais posso fazer uma acareação pública na turma entre o alvo e o autor para resolver um problema. Essa é uma estratégia extremamente ineficaz. Mas os professores não sabem como nem o que fazer. Então,



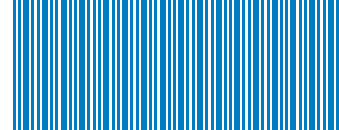
qual é uma prática que a gente tem visto muito hoje? Chamar a polícia para vir na escola e oferecer palestra sobre *bullying*. Esse tipo de proposta fica no campo da intimidação, não alcançando a emoção dos meninos e meninas. E uma terceira dimensão é a da posvenção. O que é que eu faço depois que uma experiência de *bullying* atingiu a nossa comunidade? Como é que a gente restaura a boa convivência? Como é que a gente recupera a confiança uns nos outros? Como vamos voltar a nos reconhecer como comunidade, a ter segurança uns nos outros e a nos respeitar? Então, eu penso que a formação não olha para nenhuma dessas três dimensões. E, além disso tudo, tem um elemento que é o fato de os professores compreenderem muito equivocadamente o que é *bullying* e por que ele acontece. Isso é o principal dado que encontro na minha tese.

Veras: *Qual seria a grande incompreensão do bullying, por parte dos professores?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Eles acham que porque o *bullying* é uma violência horizontal, os sujeitos estão na mesma condição de poder e podem se resolver sozinhos. Só que, embora hierarquicamente eles sejam iguais, do ponto de vista do poder simbólico, eles não são. Então o alvo de *bullying* precisa ser empoderado, precisa ser apoiado, precisa ser encorajado. E os professores pouco se mobilizam para essas intervenções mais qualitativas. Então, eu diria que a nossa formação é precaríssima e os saberes dos professores em torno desse fenômeno são bastante insuficientes.

Veras: *Quando se constata a ocorrência do bullying, como agir? Estou pensando no diretor, no coordenador pedagógico ou no professor que esteja lendo essa entrevista e que se deu conta do problema. O que ele pode fazer?*

Catarina Carneiro Gonçalves: A primeira coisa é que a escola precisa construir um protocolo de intervenção em casos de *bullying*. E, para construir esse protocolo, a escola tem que entender qual é a posição dos diferentes sujeitos no fenômeno. Então, é preciso fazer uma escuta qualificada do alvo de *bullying*, entender as dimensões do que ocorreu, compreender quais foram as experiências de maus-tratos que ele sofreu, como é que ele tem se sentido e, a partir disso, analisar. Eu preciso protegê-lo imediatamente? Isso é importante porque tem casos de *bullying* em que, inclusive, entram em cena a violência física, violência sexual etc. Se for uma ciberviolência, será preciso notificar alguma plataforma digital. Isso também é uma atitude que a escola precisa fazer imediatamente. Ou, no caso de *bullying* que



envolve algo de ideação suicida ou automutilação, é preciso notificar o Conselho Tutelar.

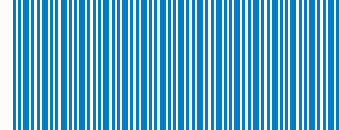
Veras: *E depois de acolher o alvo do bullying, quais são os próximos passos?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Em seguida, a escola precisa fazer a escuta dos autores, porque os autores de *bullying* são muito desgajados moralmente. Então, a escola precisa escutar os autores de *bullying*, ajudá-los num processo de reflexão sobre o episódio, favorecer o sentimento de reconhecimento e de mal-estar, favorecendo a vergonha diante daqueles episódios que eles praticaram. Mas como os autores de *bullying* sentem um certo bem-estar pelo que eles fazem, não basta esperar que eles alcancem essa emoção para mudar o comportamento. A escola precisa interditar e, aí, apresentar o limite que não pode ser transposto. E depois é preciso agir sobre o terceiro grupo, que é dos espectadores, tanto para que esses espectadores possam repulsar o comportamento dos autores, fazendo com que os maus-tratos sejam cada vez menos tolerados na escola, como também precisam chegar junto do alvo para proteger, apoiar, encorajar e estimular esse colega. O professor José Maria Avilés Martínez, que é um pesquisador espanhol sobre esse tema, fala que uma das estratégias mais interessantes é formar equipes de ajuda entre os próprios estudantes para que eles possam colaborar com os alvos de *bullying*, apoiando-os, porque se os alvos de *bullying* quase sempre estão sós. O fato de contarem com o apoio dos seus pares faz com que eles se sintam em um patamar de maior segurança. E também é preciso acompanhar o caso por um longo tempo.

Veras: *Por que é importante acompanhar o desenrolar de cada caso por um longo tempo?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Porque as práticas de *bullying* não são facilmente resolvidas. E o maior erro que uma escola faz é achar que porque conversou o problema está solucionado. Fazer um acompanhamento a longo prazo, identificando como as relações interpessoais estão decorrendo das intervenções que foram feitas, e como as relações de bem-estar do alvo, sobretudo, mas dos espectadores e do autor também, estão sendo vivenciadas na escola.

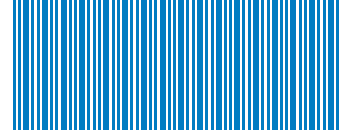
Veras: *Falando nessa questão da intervenção entre os pares, você defende que a escola crie uma comissão antibullying, por exemplo, formada pelos próprios alunos?*



Catarina Carneiro Gonçalves: Existem escolas que têm isso como algo permanente, por exemplo. Há muitos estudos que mostram a eficácia disso, como as pesquisas do professor José Avilés Martínez, na Espanha, e as pesquisas da professora Luciene Tognetta, no Brasil, com as comunidades de apoio e de ajuda. Então eu penso que a formação de estudantes para prevenção e manejo do *bullying* é o caminho mais eficaz, porque se o *bullying* é uma violência que destitui a imagem da pessoa perante os seus pares, é perante os pares que ela quer ficar bem. Então, quando os pares se unem para o fortalecimento, para a proteção e para o suporte dos alvos de *bullying*, as chances de o fenômeno diminuir são muito maiores.

Veras: *Na grade curricular do Ensino Médio, a disciplina de Filosofia pode, eventualmente, acolher discussões sobre ética. Você defende que também no Ensino Fundamental haja um espaço para discussão sobre convívio saudável? Se sim, qual professor seria o mais adequado para isso?*

Catarina Carneiro Gonçalves: O que eu tenho defendido é que esse tem que ser um perfil da docência. A gente precisa superar aquele caminho de que o trabalho com a convivência vai ficar só para os psicólogos da escola ou, no máximo, com os professores da área de Humanas. Eu diria que o trabalho com a convivência precisa ser central na formação pedagógica de crianças e adolescentes. Então, todos os professores precisam estar imbuídos de saberes docentes que envolvam a formação para a boa convivência. Uma coisa que a gente escuta muito dos professores é essa queixa: “Eu tenho que parar a aula para resolver conflito”. E aí sempre digo para o professor: “Você não está parando a aula para resolver conflito porque o conflito também é aula”. Porque quando o professor está mediando, o menino também está aprendendo, pensando, refletindo... Então, penso que esse tem que ser um trabalho que precisa atravessar as docências. Mas, obviamente, há disciplinas que pela própria natureza são muito favoráveis a essa conversa sobre convivialidade, como a Filosofia, a Sociologia, mas não só as ciências humanas. Na minha leitura, uma área fundamental para um trabalho com a convivialidade é a dimensão das Artes, o teatro, a música, a dança, porque toda essa formação estética também está relacionada a uma maior sensibilidade, a um maior envolvimento, a uma maior percepção do outro. A gente pode pensar também no trabalho em Língua Portuguesa, envolvendo a literatura, que nos move para uma percepção mais sensível, mais existencial. Então, acho que a gente precisa ter uma formação para todas as áreas, compreendendo que em algumas a própria natureza



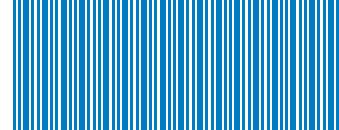
do objeto de conhecimento favorece, como é o caso da Sociologia, da História, da Filosofia, mas tem um olhar que é muito pouco pensado, que é o olhar para o campo das artes e para a dimensão da formação estética.

Veras: *Perfeito. Sua resposta cola em outra pergunta que eu ia fazer, que era como você vê o cinema ou a música, que são produtos culturais que têm uma ligação direta com o jovem, como veículos para essa discussão? Você teria algum filme, por exemplo, para recomendar que os professores passem para os alunos e discutam?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Tem sim. Um que dá para a gente pensar é *O Extraordinário*. Esse é um filme muito legal para se discutir a questão do *bullying*. Prefiro do que recomendar filmes que fazem menção específica aos casos em que esses episódios terminam de forma mais criminoso, como *Tiros em Columbine*, *Bang, Bang! Você Morreu!* etc. Isso porque, pelo que a gente tem percebido na contemporaneidade, há em casos de violência extrema o risco do “efeito cópia”. Então, esses filmes eu não tenho mais recomendado, embora em outros momentos eu já os tenha usado muito. *O Extraordinário* é muito propositivo, primeiro porque ele vai mostrando o processo de vitimização, mas também vai mostrando o processo de quando o alvo vai se fortalecendo e encontrando grupos de amigos que lhe dão sustentação, e ele consegue sair da situação de vitimização. Então, é um bom exemplo de como o apoio paritário é fundamental no processo de superação do *bullying* na escola, e pode ser visto por crianças menores e adolescentes. Eu gosto muito, também, do *Ponte para Terabítia*, esse é mais infantil. É um filme que vai mostrando para as crianças como as expressões de *bullying* também vão se enfraquecendo quando a amizade vai se fortalecendo. Esses são dois filmes para a gente poder pensar as expressões de *bullying* e suas formas de superação.

Veras: *Pensando em oferecer algumas referências de autores para educadores, quais pesquisadores você acha que têm boas reflexões sobre esse tema?*

Catarina Carneiro Gonçalves: No Brasil os estudos da professora Luciene Tognetta são muito importantes. No grupo que ela coordena temos o professor Raul Alves de Souza e a professora Sanderli Bicudo Bonfim, que também fazem estudos sobre *bullying* e são autores importantes do ponto de vista nacional. Aqui na UFPE temos o professor Sidclay de Souza, que faz pesquisas importantes em torno dessa temática. Na Espanha temos as pesquisas do professor José María Avilés Martínez, que são muito importantes. Também tem o Dan Olweus, aquele pes-



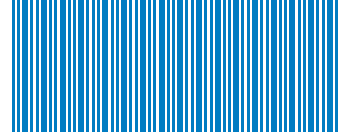
quisador que criou o termo *bullying* na educação, com estudos igualmente relevantes. Acho que essas seriam as grandes referências.

Veras: *Você coordena o Nepeve (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Violência Escolar), vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Quais são as linhas de atuação do grupo?*

Catarina Carneiro Gonçalves: O Nepeve tem um eixo de pesquisa, um eixo de ensino e um eixo de extensão. Na extensão, a gente tem vivido experiências de formação de professores, exatamente porque entendemos que a formação de professores no Brasil é muito precária. Então, todos os anos ofertamos um curso de extensão de formação de professores remoto, gratuito, em que participam educadores do Brasil inteiro. Abrimos 100 vagas a cada edição e, no próximo ano, no mês de março, lançaremos uma nova turma. Em outra ação, que se chama Nepeve na sua escola, atendemos instituições que estão enfrentando problemas de convivência e que nos pedem ajuda. A gente vai *in loco* ajudar as escolas, mas aí temos a restrição de que precisa ser no Recife, porque a gente não conta com recurso de deslocamento. O Nepeve não tem fins lucrativos, não cobramos por esse trabalho; então, a gente não consegue atender fora do Recife.

Veras: *No Recife vocês atendem tanto escolas públicas quanto privadas?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Sim, quaisquer escolas. Do ponto de vista da extensão, esses são nossos dois eixos de atuação: a formação docente e o Nepeve na sua escola. Do ponto de vista das pesquisas, temos três eixos de estudo. Um deles é o núcleo de violência extrema e violências duras, no qual temos pesquisado os casos de ataques às escolas. No atual momento, essa é a nossa maior pesquisa. Temos, inclusive, um financiamento do Ministério da Justiça para a realização dessa pesquisa. Na próxima semana, estou indo para o Acre fazer a coleta de dados sobre um episódio que acabou de acontecer no dia 5 de maio. Estamos fazendo uma pesquisa importantíssima, cujo objetivo é mapear como os diferentes atores envolvidos na violência lidaram com episódios antes, durante e depois de acontecerem: a escola, a Justiça, a Segurança Pública, o Conselho Tutelar e a Assistência Social. Essa pesquisa tem um olhar intersetorial diante dos mais de 50 casos de violência extrema que já tivemos no Brasil. Mas o Nepeve ainda tem o eixo de estudos sobre a adolescência, no qual temos estudado as identidades coletivas, que são a principal marca dos adolescentes. E o terceiro eixo é o de educação digital, redes sociais e discurso de ódio.

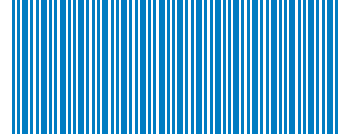


Veras: *Sobre esses casos de violência extrema, me parece que essa, sim, é uma violência relativamente nova no Brasil, não? A gente via muito isso nos Estados Unidos, de alguém entrar em uma escola atirando, mas me parece que esse é um fenômeno mais recente por aqui. Eu sei que essa pesquisa ainda está em andamento, mas você já tem algumas intuições ou percepções iniciais sobre esse fenômeno?*

Catarina Carneiro Gonçalves: Essa pesquisa que estou fazendo sobre ataques de violência extrema é recente, mas desde 2018 a gente tem se debruçado sobre esse fenômeno. O primeiro episódio ocorrido e registrado no Brasil foi em 2001. Mas até 2017 ele era um fenômeno pouco recorrente no Brasil. Houve esse episódio em 2001, depois outro em 2002, e depois a gente passa um tempo sem ter. O caso mais emblemático aconteceu em 2011, que foi aquele caso de Realengo [um ex-aluno de 23 anos, armado, invadiu a escola onde havia estudado e matou 12 crianças, ferindo outras 13, antes de cometer suicídio]. Depois nós tivemos em 2012, passamos um tempo sem ter, mas desde 2017 esse é um fenômeno muito sistemático no Brasil. Hoje, nós somos o segundo país com mais casos de ataques, e só nós e os norte-americanos estamos em crescimento. Houve um período de decréscimo pelo fechamento das escolas durante a pandemia, em 2020, mas tivemos casos de violência extrema nas escolas em 2021, 2022 e em 2023 foi o ápice. Até 2023 a gente tinha 15 casos; só em 2023 a gente registrou 16. Então, de 2023 para cá é que esse fenômeno está em ascensão. Neste ano já foram cinco episódios no Brasil. A gente fala do caso ocorrido no Acre porque, de fato, ele tem uma outra relevância, mas, por exemplo, no Acre aconteceu, pela primeira vez, um caso este ano. Em Pernambuco pela primeira vez, também, este ano. Então, nos casos dos ataques de violência extrema às escolas, sim, podemos dizer que é um fenômeno em ascensão. As pesquisas já mostram isso. E é em virtude dele que a gente não indica mais um filme como *Tiros em Columbine*, porque o que a gente observa é que os casos de ataque têm essa roupagem da cópia. Columbine é muito emblemático, tem toda uma estética do ataque em que, sim, eles se inspiram, e quanto mais a gente divulga, mais a gente dá notoriedade.

Veras: *Estou lembrando também daquele filme do Gus van Sant, Elefante, que tem outro tratamento, é uma obra de ficção, mas também, de certa forma, traz o perigo da cópia...*

Catarina Carneiro Gonçalves: Por isso que a gente não recomenda mais esse tipo de narrativa. Inclusive, hoje, há determinados acordos até com a própria imprensa, de não divulgar mais o nome de perpetrador, tem todo um tratamento específico para noticiar ataques



em escola. Enfim, tem alguma percepção de por que isso começou a acontecer mais recentemente de forma mais intensa, não só da nossa pesquisa, mas de anteriores, que eu também já fiz, e outros pesquisadores, como a Cléo Garcia e a Marcela Nunes. Essas violências estão muito associadas aos fenômenos de radicalização que têm se ampliado no Brasil nos últimos anos. Então, a coisa do masculinismo, do discurso de ódio, de uma identidade muito deteriorada do ponto de vista da identidade de gênero. Veja, no Brasil, dos 52 casos, apenas um foi praticado por menina. E, por outro lado, os alvos são prioritariamente femininos. Autores de ataques escolhem, de forma intencional, vítimas do sexo feminino.

Veras: *Muitas escolas, públicas e privadas, estão tendo que lidar com advogados ou procuradores do Ministério Público em razão de denúncias e queixas de pais em situações de bullying. Como trazer as famílias para a solução do problema?*

Catarina Carneiro Gonçalves: O *bullying*, de alguma forma, sempre mexe na questão da definição de limites, né? Que é uma questão tanto que a escola se vê necessitada a estabelecer quanto, de certa forma, cobrar que as famílias também façam isso. Mas como que a escola consegue envolver as famílias nessa discussão? Ela precisa mobilizar as famílias para a importância do comprometimento coletivo. Hoje a gente vive um individualismo muito grande, e aí é cada um por si, não é? Se o grande mobilizador do *bullying* é a deteriorização do sujeito perante a plateia, é a plateia quem tem que estar mobilizada. Então, o engajamento das famílias precisa vir no sentido de que o coletivo também mobilize para que as crianças e os adolescentes estejam comprometidos com a superação da violência, mesmo quando isso não os atinge. É preciso desenvolver nos nossos adolescentes e nas nossas crianças, primeiro, a capacidade de perceber o outro, de se implicar com o outro e de se responsabilizar pelo bem-estar coletivo. Então eu acho que esse é um compromisso fundamental. Isso não virá pela punição da justiça, mas, sim, pelo fortalecimento do sentimento de comunidade que se constrói na parceria família-escola.

